

# CONTRIBUIÇÕES DA SEMÂNTICA FORMAL PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: A QUANTIDADE NOMINAL

## *CONTRIBUTIONS OF FORMAL SEMANTICS TO NATIVE LANGUAGE TEACHING: THE NOMINAL QUANTITY*

Ana Paula Quadros Gomes<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo pretende contribuir para o projeto de se “lançar uma ponte entre a linguística teórica e o ensino escolar da gramática” (LEMLE, 1984), propondo uma nova abordagem para o tratamento da quantidade nominal no ensino de língua portuguesa, à luz dos achados da semântica formal. A tradição gramatical (obras de referência e didáticas) e o ensino tradicional assumem a oposição binária singular/plural para os nominais, examinando o número na palavra em isolamento, quanto à morfologia. Observa-se apenas a presença ou ausência de morfema plural, mas o número é produto de mais outros três fatores: (i) o tipo de sentença (episódica ou genérica), (ii) a estrutura sintática do sintagma nominal (nome nu ou sintagma de determinante), (iii) o fato de o nome ser massivo ou contável. O próprio licenciamento do morfema de plural está sujeito a condicionamentos. É necessário o exame da sentença inteira, levando em conta todas essas variáveis, para determinar a interpretação do sintagma nominal. A visão tradicional é limitadíssima, por desconsiderar que, além de contar seres, o PB conta tipos e episódios. A tradição desconsidera também que a quantidade nominal vai muito além de número: há leituras de volume, leituras de abundância de leituras de intensidade. Embora na morfologia o plural seja o mais marcado, semanticamente o mais marcado é o singular. A interpretação da quantidade nominal é complexa e rica, e o tratamento dado hoje à quantidade nominal nas escolas e obras de referência e didáticas brasileiras não dá conta do fenômeno.

**Palavras-chave:** Sintagma nominal; ensino de língua materna (PB); singular vs. Plural

### Abstract

This article pursues the motto “let us bridge the gap between theoretical linguistic and grammar teaching” (LEMLE, 1984), by offering a new approach to nominal quantity in Brazilian Portuguese (BP) classes, based on formal semantics research. Both grammatical tradition (didactic and reference books) and traditional teaching thrive on a binary opposition between singular and plural, based on morphology. Only the presence or absence of the plural morpheme is tracked, while three other contributors for the number reading remain ignored: (i) the nature of the sentence (generic or episodic), (ii) the structure of the phrase (if it is a bare noun or a determiner phrase), and (iii) if the nucleus is a mass or a count noun. The very licensing of the plural morpheme obeys certain conditions. To get to the quantity interpretation of a noun phrase the whole sentence must be examined, including all variables. One of the limitations of the traditional approach is that it tracks exclusively number of individuals, despising readings as the counting of types and the counting of episodes. Furthermore, it never goes beyond number, ignoring volume, abundance, and intense readings. Although plural is marked in morphology, in semantics singular is the marked one. Nominal quantity interpretation is a complex and rich, and the present treatment given to it in schools and teaching materials does not take good care of the topic.

**Key words:** Nominal phrase; mother language teaching (BP); singular vs. plural

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Programa de Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas, do Programa de Mestrado Profissional em Letras e do Departamento de Letras Vernáculas. Contato: anaquadrosomes@letras.ufrj.br.

## 1. À guisa de introdução: se podemos ver mais longe, é por estarmos sobre os ombros de gigantes

O título desta seção, inspirado na sentença em latim “*nanos gigantum humeris incidentes*” (o que me recorda quanto Miriam Lemle gostava de comparar os mesmos ditados formulados em latim e em línguas românicas), expressa a ideia de que as descobertas (científicas) importantes são caudatárias de descobertas feitas por estudos anteriores. A metáfora é a de anões que enxergam longe quando ficam de pés sobre ombros de gigantes. A primeira notícia de utilização desse conceito é do século XII, por Bernardo de Chartres, mas seus usos mais lembrados eram por Isaac Newton, que, em 1675, teria dito: "Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes", e por Nietzsche, que, em 1882, incluiu esse ditado na obra *Assim Falou Zaratustra*. Hoje a citação “sobre os ombros de gigantes” aparece ao pé da página do Google Scholar, uma ferramenta de busca de textos acadêmicos e científicos. De fato, a pesquisa científica, e, como tal, a linguística, é um empreendimento coletivo. Na contemporaneidade, ninguém inventa nada do zero, nem poderia dar conta em isolamento de objetos tão complexos como os fenômenos das línguas naturais. Assim sendo, a produtividade da pesquisa linguística brasileira atual deve muito a seus precursores. Entre eles, está Miriam Lemle, a quem muito devemos.

Não sendo possível abarcar toda a contribuição de Miriam Lemle para a linguística brasileira, vamos fazer aqui um pequeniníssimo recorte, comentando o começo de sua carreira como professora e pesquisadora universitária no Museu Nacional da UFRJ. Na entrevista dada a Isabella Lopes Pederneira, para a revista *Linguística Rio*, Miriam assim descreve o que a levou a trilhar os caminhos da linguística:

Eu queria saber a relação, qual era..., entre uma sintaxe e uma semântica composicional... a primeira coisa que se vê é a semântica composicional. Você pega um pedaço [de palavra, de sintagma] e junta com outro e você tem um significado, que é o significado da combinação de um pedaço com outro. É muito divertido aprender isso mais a fundo. (LEMLE, 2015, 2:50)

A seguir, Miriam foca em sua atração pelo estudo da composição de palavras, ao comentar como seu interesse de estudante se deslocou da química para a linguística, dizendo que a relação entre significado e forma era também uma química. Quando, na mesma entrevista, a entrevistadora quer saber qual a pessoa mais importante no início da carreira de Miriam Lemle, ela não hesita em responder que foi o Joaquim Mattoso Câmara Júnior, lembrando que ele dava ótimas aulas e passava aquele senso de que você tem que pesquisar...

Os laços entre Mattoso e Miriam Lemle não estão limitados ao importante fato de ter sido ele quem a introduziu nos estudos linguísticos. Em seu artigo de historiografia linguística, que trata da recepção inicial brasileira à gramática gerativa, Ronaldo de Oliveira Batista explica esse vínculo nas seguintes palavras:

os programas gerativista e estruturalista estabeleceram-se contemporaneamente. A gramática gerativa foi introduzida no Brasil meio junto com o estruturalismo americano e as diferenças nem sempre ficaram claras. A própria Miriam Lemle, em seu trabalho pioneiro na revista *Tempo Brasileiro*, diz que a gramática gerativa é o “novo estruturalismo”. Tratava-se a gramática gerativa, nos anos 1960, juntamente com o estruturalismo, como uma reação “científica” à gramática tradicional e à filologia. (Depoimento pessoal, 2006) (BATISTA, 2010, p. 268)

Batista mostrou, pelos depoimentos recolhidos, que foi esse artigo de Miriam Lemle, publicado em 1967, em um número especial da revista *Tempo Brasileiro*, com o título “O novo estruturalismo em linguística: Chomsky”, que levou muitos linguistas brasileiros, entre os quais Carlos Franchi e Anthony Naro, a lerem Chomsky pela primeira vez. Franchi testemunhou que o empreendimento de elaborar sua “clara exposição dos pressupostos teóricos e do sistema conceitual do ‘novo estruturalismo’ de um desconhecido Noam Chomsky” (ibidem, p. 269) foi assumido por Lemle “por sugestão de Mattoso Câmara”. Franchi atribuía a competente execução da tarefa que daria à professora Lemle “o mérito de haver introduzido as ideias da gramática gerativa no Brasil” (ibidem, p. 269), nas palavras de Naro, ao incentivo de Mattoso.

O artigo de Ronaldo Batista, que recupera a chegada do programa gerativista ao Brasil assinala também que essa teoria alimentou a crítica ao ensino de português baseado na tradição gramatical, deflagrando a busca por novas abordagens no ensino. Como exemplo concreto, é citado o livro de Lemle, de 1984: *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*, cuja introdução define como um dos objetivos da obra “lançar uma ponte entre a linguística teórica e o ensino escolar da gramática” (ibidem, p. 273).

Este artigo quer formar fileiras com os professores que trabalham para, junto com Miriam Lemle, “lançar uma ponte entre a linguística teórica e o ensino escolar da gramática”, e pretende conversar com aquela pesquisadora Miriam Lemle encantada pela semântica composicional, interessada na química que une pedaços de palavras, sintagmas e sentenças, para com eles formar uma combinação com um significado bem mais complexo.

Para tanto, vamos abordar aqui a semântica da quantidade nominal, do ponto de vista do conhecimento linguístico acumulado pelas pesquisas já disponíveis sobre o assunto, e o modo como ela é tratada nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental e médio. Vamos defender aqui que a definição dada nos livros de referência, didáticos e paradidáticos é pobre demais diante da riqueza semântica das interpretações de quantidade existentes para os

sintagmas nominais do português brasileiro (PB). A definição padrão discute plural e singular se atendo a aumento de número/cardinalidade, quando é possível ter pelo menos leituras de aumento de volume/extensão/tamanho e intensidade/grau. Além disso, defenderemos que o contraste entre singular e plural nominais é apresentado de forma empiricamente inadequada, não dando conta dos fatos da língua. Uma das razões é a de que apenas a presença ou ausência de morfologia plural é apontada nos materiais escolares. Isso é insuficiente para explicar como se obtém a leitura de exatamente um ou de dois ou mais indivíduos; há outros fatores necessariamente envolvidos, como mostraremos. Além disso, número e cardinalidade podem ser fruto da contagem de indivíduos como pessoas e objetos, mas também da contagem de episódios (eventos, situações individuadas) e de tipos. Para tratar com adequação empírica a quantidade nominal na gramática do PB, o material escolar tem de levar a sério a pesquisa linguística, redesenhando as atividades e definições a partir da gramática internalizada dos falantes, conforme as descrições e análises semânticas disponíveis.

Defenderemos que a pobreza atual no tratamento da quantidade nominal é na verdade uma consequência da defasagem entre os passos da linguística brasileira e os do ensino. A GT importou, sem adaptações, a visão estruturalista sobre a palavra morfológica e sobre a concordância nominal, como se isso fosse um estudo do significado. Joaquim Mattoso Câmara Júnior deixou excelentes contribuições à linguística brasileira, mas ele nunca foi um semanticista. O ensino de quantidade nominal de hoje está antenado com o dos anos 1960, quando Mattoso Câmara, precursor da linguística brasileira, atuava quase que sozinho; de 1970 para cá, já tivemos uma Miriam Lemle, e a pesquisa semântica sobre nossa língua já deu muitos outros frutos. Ademais, não é só uma questão de “atualização”. Um recorte morfológico não é necessariamente um recorte semântico. Seria injusto imputar a Mattoso Câmara essa responsabilidade: ele nunca se apresentou como um semanticista.

É oportuno lembrar aquilo que Figueiredo Silva e Medeiros explicitam tão bem em seu *Para Conhecer Morfologia* (2016), às páginas 10 e 11: é injusto cobrar da gramática tradicional (GT) rigor científico, posto que uma abordagem tradicional não se compromete com o rigor da ciência. Entretanto, assumindo as premissas de Lemle (1984), o ensino da língua-padrão e da gramática das variedades de português empregadas nos gêneros orais mais formais e nos gêneros da modalidade escrita não pode se basear em tradições, mas deve se alimentar dos conhecimentos linguísticos. Não é o caso de apresentar uma terminologia técnica aos alunos. Cabe ao professor tomar como base os produtos da pesquisa e “traduzi-los”, apresentando em sala exemplos de linguagem em uso que tragam à atenção dos alunos os fatos relevantes, para que, recorrendo a suas intuições, operando sobre sua gramática internalizada, os alunos possam

fazer suas próprias observações, generalizações e tirar conclusões sobre os fenômenos examinados.

Mattoso Câmara foi um grande linguista brasileiro, e sua obra mais proeminente é *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970). O estruturalismo divulgado nessa obra assume uma morfologia concatenativa, de item e arranjo, toma os morfemas como unidades mínimas da morfologia que são, na dupla articulação da linguagem, a menor unidade portadora de significado do sistema. Em termos de classes de palavras, a classe dos “nomes” é caracterizada por nomear as coisas (caracterização semântica) e por apresentar morfologia de gênero e número. Dada essa caracterização, dentro da classe dos nomes há substantivos, adjetivos e advérbios. Há dois processos morfológicos distintos: a flexão e a derivação. O processo da flexão se distingue por apresenta regularidade distribucional e de significado, enquanto o da derivação não tem tais características. Ou seja, a formação do plural nominal é flexão nesse quadro teórico, dada a sua obrigatoriedade (a adição do morfema *\_s* precisa se aplicar a todos os membros da classe dos nomes para indicar plural) e dada a manutenção do mesmo significado básico para o produto: o nome no plural significa dois ou mais dos indivíduos relevantes.

Outra característica da flexão de número é que ela é morfossintática, disparando concordância (entre sujeito e verbo, como em ‘os livros caíram’, em que o verbo vai para o plural devido ao número do sujeito, ou internamente ao sintagma nominal, determinantes e modificadores, como em ‘os livros interessantes’, em que o determinante e o adjetivo acompanham o número do núcleo ‘livros’). Essa terceira característica tem embasado diversos estudos variacionistas, que se dedicam à variação morfossintática, na marcação da concordância nominal ou da verbal, como a apresentada no polêmico livro de Heloísa Ramos (2011): “Os menino pega os peixe” versus “Os meninos pegam os peixes”<sup>2</sup>. O estruturalismo se vale de um sistema de oposições, e a oposição binária entre, de um lado, o morfema zero, representado como *\_Ø*, na forma singular *meninoØ*, que indica ausência de morfologia pronunciada de número, e, de outro lado, o morfema *\_s*, na forma plural *meninos*, indicando presença pronunciada de morfologia de número, é uma oposição extremamente necessária para estudos morfossintáticos, indispensável ao exame dos fatos relativos ao mecanismo da concordância.

Porém, a propalada regularidade de significado e de distribuição necessária à classificação estruturalista do plural nominal como flexão está longe de ser absoluta, como

---

<sup>2</sup> Por sinal, na ocasião, Miriam Lemle escreveu um pequeno artigo defendendo o volume coleção “Por uma vida melhor” (AÇÃO EDUCATIVA, 2011), que apresenta a variação linguística e ensina a forma padrão, e foi tão massacrado pela imprensa naquele ano.

pretendemos mostrar. Quanto à regularidade de significado, ‘muitos’, sobretudo na versão “duas ou mais unidades”, para nomes no plural, em oposição à descrição “exatamente uma unidade”, vinculada a nomes no singular, ela está muito aquém do grande leque de significados que a quantidade nominal oferece de fato.

Queremos retomar novamente o título desta seção para frisar que, se hoje sabemos mais sobre a linguística do PB, é graças a vultos como Mattoso Câmara, que foi um precursor da linguística brasileira. Não estamos afirmando de modo algum que ele estivesse errado. Primeiramente, sua obra prima, *Estrutura da Língua Portuguesa*, ficou inacabada, dada a sua morte prematura. Depois, esse influente linguista analisava, muito bem, dentro do seu quadro teórico, os níveis morfológico e morfossintático da nossa língua. Em termos relativos, o nível de regularidade postulado para a marcação de número nominal é destacadamente maior que o encontrado em processos de derivação morfológica nominal. O fulcro do problema que abordaremos é o fato de o ensino ter transportado (conscientemente ou não) diretamente essa posição binária morfológica para outro nível de descrição e análise linguística, o nível da semântica. Na semântica, esse modelo dual não funciona, como pretendemos demonstrar. Hoje, os materiais escolares e de apoio ao ensino ainda apresentam os conceitos de quantidade nominal de forma correlata ao que lemos no exemplar abaixo:

Gramática: singular e plural

Singular e plural são as duas formas de flexão de número dos substantivos da Língua Portuguesa.

Na Língua Portuguesa, há duas flexões de número das palavras: **singular**, que indica apenas UM substantivo: ser vivo, objeto etc.; e o **plural**, que indica MAIS DE UM substantivo (BRASIL ESCOLA, 2020).

Vemos aí um binarismo (singular-plural) e uma biunivocidade (na associação entre a presença de morfema plural e a interpretação de “mais de um” e entre a ausência desse morfema e a leitura de “apenas um”) que transpira a influência da morfologia de Mattoso Câmara, mas mal digerida, inadequadamente transformada, num deslocamento reducionista, naquela semântica nocional característica da tradição gramatical. A noção semântica irrefletida que associa substantivos a “seres vivos” e “objetos” também associa interpretações nominais de quantidade a “exatamente um ser” ou “dois ou mais objetos”. Preconizamos que é possível fazer melhor que isso no ensino, tornando esse tópico das aulas de língua portuguesa bem mais interessante para os alunos. E, se podemos fazer a proposta que apresentaremos a seguir, é graças a contribuições de linguistas do porte de Mattoso Câmara e de Lemle.

Ao longo deste artigo, falaremos sobre a pobreza e as inconsistências da abordagem de quantidade nominal no ensino de língua portuguesa. Na próxima seção, mostraremos que as definições e explicações estão longe de corresponder aos fatos. Na seção 3, faremos um breve apanhado das múltiplas e ricas interpretações de quantidade nominal disponíveis na nossa língua, e ignoradas pelo sistema escolar. Na seção 4, trataremos dos problemas trazidos pela confusão entre número morfológico e semântica da quantidade, apontando como não tem apoio na linguística a certeza da infalibilidade da análise do plural como inclusivo, propalada em sala de aula. Finalmente, na conclusão, proporemos novos modos de tratar a quantidade nominal em aulas de gramática.

## 2. Inadequação empírica para a abordagem tradicional de número

O tratamento da quantidade nominal no material de ensino (obras de referência, obras didáticas, planos de aula etc.) aparece como uma mera oposição ente singular e plural. Gasta-se muito tempo e energia instruindo os alunos (geralmente por meio do fornecimento de listas e de exercícios de memorização) sobre formações de plural excepcionais, tais como a diferença entre os pares ‘degrau’/‘degraus’, mas ‘jornal’/‘jornais’; ‘cidadão’/‘cidadãos’, ‘coração’/‘corações’, mas ‘mamão’/ ‘mamões’, ‘o arroz’/ ‘os arrozes’ (forma registrada em materiais de ensino, apesar de ser duvidoso que alguém já tenha dito ou ouvido ‘arrozes’ num discurso espontâneo), mas ‘o tórax’/ ‘os tórax’ etc. Esse tipo de informação, destrinchando firulas de ordem morfológica, o aluno pode obter a qualquer momento mediante consulta a obras de referência. O ponto mais geral e mais interessante, que é como são interpretados os nomes (os substantivos, no jargão tradicional) em termos da quantidade de seu referente, e como tais diferenças semânticas são codificadas pela gramática, em geral não assume o protagonismo que mereceria na sala de aula. Costumeiramente, o tema aparece numa lição sobre singular e plural com explicação semelhante à reproduzida na seção anterior, e em atividades que associam dois ou mais seres a nomes que contêm o morfema de número (o morfema de plural s) e um único ser ou objeto aos nomes em que esse morfema está ausente, ou nos quais, na terminologia da morfologia estruturalista, está o morfema zero (o morfema de singular ∅).

Vamos defender aqui, com base em consensos estabelecidos na literatura semântica da linha formal, que a generalização contida nessa pequena fórmula (o nome singular ‘peixe’ faz referência a exatamente um peixe, e o nome plural ‘peixes’ faz referência a dois ou mais peixes) não se sustenta diante da maioria dos fatos da língua. A presença ou ausência do morfema pluralizador não é suficiente nem necessária para formar a leitura de “dois ou mais indivíduos”.

Além disso, a interpretação gerada pela presença de morfema plural no nome nem sempre é a de número de indivíduos: outras coisas são contadas, como tipos/ variedades (p. ex. ‘Ele gosta de duas cervejas: a de cevada e a de trigo’) e episódios (p. ex. ‘Tivemos dois nascimentos neste hospital hoje’), e, às vezes, a presença de s no nome não dispara uma leitura de cardinalidade plural, mas leitura de volume/extensão/ tamanho (como, por exemplo, em ‘Ele singrava as águas da Guanabara’, em que ‘as águas da Guanabara’ faz referência à grande massa de água formadora dessa única baía). Paralelamente, a ausência de s no nome não é sempre lida como “um só indivíduo”, e ao observar isso não temos em mente apenas coletivos, como ‘cardume’ e ‘exército’, que nomeiam uma coleção estruturada de outros indivíduos (para os exemplos mencionados, respectivamente de peixes e soldados), nem tampouco quantificadores como ‘cada’ e ‘todo’, que não aceitam plural morfológico, mas sempre fazem referência a cardinalidades acima de dois, como em ‘Sete a cada dez brasileiros acreditam em informações falsas sobre vacinação’, em que ‘cada dez brasileiros’ não faz referência a um indivíduo nem a um único grupo de dez indivíduos nascidos no Brasil, mas a afirmação vale para o conjunto dos grupos com dez pessoas distintas passíveis de serem formados com os 211 milhões de habitantes do País; tampouco isso se esgota em exemplos como ‘Todo político é um ator’, em que não se fala de um ou outro político, mas da totalidade da classe política.

Nomes coletivos e quantificadores morfológicamente singulares, que fazem referência a pluralidades, desfazem o casamento entre semântica e marcação de pluralidade morfológica, mas até chegam a ser mencionados em algumas obras de referência. Vamos focar em outros exemplos, tão produtivos quanto esses, porém dificilmente abordados nas obras de apoio ao ensino, tais como “coelho gosta de cenoura”, em que, malgrado o “morfema zero” nos nomes ‘cenoura’ e ‘coelho’, não se faz referência a exatamente um coelho nem a exatamente uma cenoura.

O primeiro desafio à regularidade distribucional da morfologia, transposta *ipsis litteris* para o ensino sobre o significado, vem do fato de que há um conjunto de nomes com os quais o morfema pluralizador não é licenciado. Esses nomes, para os quais a forma plural é agramatical, são da classe dos massivos, como, por exemplo, \*saúdes, \*gentes, \*mobílias, \*mulheradas, \*sonos, \*pressas, \*paciências...<sup>3</sup> Observe-se, em (1), a seguir, o contraste de

<sup>3</sup> Embora nocionalmente a classificação em abstratos ou concretos, a qual segue o critério do tipo de referência, seja entendida na tradição gramatical como sobreposta à divisão semântica em contáveis e massivos, levando a crer que abstratos serão sempre massivos, isso não é fato. Há nomes abstratos como *problema*, que admitem plural e são tranquilamente contáveis (*Eu resolvi três problemas hoje*), assim como há nomes concretos, como *gente*, que não admitem morfologia de plural e são massivos (*\*Eu vi três gentes ontem*).

gramaticalidade entre as sentenças (a), que trazem nomes contáveis, e as (b), com nomes massivos:

- (1) a. Pedro e Maria têm doenças graves.  
b. \*Pedro e Maria têm saúdes perfeitas.
- (2) a. Hoje havia muitas pessoas na praia.  
b. \*Hoje havia muitas gentes na praia<sup>4</sup>.
- (3) a. O apartamento que alugamos ainda está sem móveis.  
b. \*O apartamento que alugamos ainda está sem mobílias.
- (4) a. Quando viram o galã de novela no shopping, as mulheres surtaram.  
b. \*Quando viram o galã de novela no shopping, as mulheradas surtaram.
- (5) a. Assistir a um bom filme me provoca diversas emoções.  
b. \*Assistir à TV me dá diversos sons.
- (6) a. Para fazer isso dar certo, vou reunir todas as minhas forças.  
b. \*Para aguentar isso, vou precisar de mais paciências.

Para os nomes massivos (sublinhados nas letras (b)) de (1) a (6), dificilmente encontraremos a forma plural em uso, em paralelo com o que já comentamos para \*‘arrozés’. Por mais que a quantidade de arroz seja aumentada, esse aumento não é naturalmente expresso pela incorporação da morfologia plural, ao contrário do que ocorre com ‘feijões’, que, apesar de não ser um grão tão maior que o de arroz, tem seu plural empregado com toda a naturalidade em diversas situações, tais como em “João trocou a vaca por três feijões mágicos”. Por outro lado, os nomes contáveis (‘feijões’ e os sublinhados nas letras (a)) de (1) a (6)) são tranquilamente aceitáveis com o morfema plural. Os massivos resistem ao licenciamento de s para expressar aumento de quantidade, como se verifica na amostra abaixo:

- (7) a. No lanche da tarde de hoje, Maria comeu mais pães que ontem.  
b. \*No lanche da tarde de hoje, Maria bebeu mais cafés com leites que ontem.
- (8) a. Na festa, Pedro derrubou mais cadeiras no chão.  
b. \*Na festa, Pedro derramou mais limonadas no chão.

<sup>4</sup> Agradeço ao leitor crítico designado por seus atentos comentários e por me apontar que um poema de Manoel Bandeira e um conto de Machado de Assis trazem a expressão “a indesejada das gentes”, para falar da morte. Porém, esse plural tem cunho literário e não é usual na linguagem cotidiana contemporânea. Também era comum no Brasil (e talvez ainda o seja em Portugal) o uso de ‘gentes’ como sinônimo de ‘povos’: “As terras e as gentes da Galiza e Portugal”. Mas, como coletivo de pessoas, tal como ‘o pessoal’, ‘gente’ resiste bastante à pluralização na fala do Brasil contemporâneo.

- (9) a. O veterinário examinou mais bichinhos hoje que em toda a semana passada.  
 b. \*O veterinário examinou mais (as) bicharadas hoje que em toda a semana passada.
- (10) a. O acidentado precisa receber mais transfusões.  
 b. \*O acidentado precisa receber mais sangues.

A semântica formal divide os nomes em duas classes distintas: a dos nomes massivos e a dos nomes contáveis. Há propostas teóricas diversas sobre essas classes semânticas nominais, entre as quais três clássicas se destacam: a de Link (1983), a de Chierchia (1998) e a de Rothstein (2010). Como não cabe neste artigo um grande aprofundamento teórico<sup>5</sup>, basta recuperar de Link a proposta de que não há correspondência total entre a cognição do mundo (saber distinguir entre coisas descontínuas, árvores, casas, cadeiras, de um lado, e contínuas, líquidos, pós, gases, de outro) e a divisão semântica de nomes em massivos e contáveis. Para o autor, o que rege essa divisão semântica é modo de referência: um mesmo objeto pode ser descrito com um nome massivo ou contável. Link também propôs um semirreticulado como representação matemática para o plural; para ele, o domínio dos nomes contáveis e o dos massivos é distinto em organização: o dos contáveis têm átomos, ou seja, sua base são unidades discretas indivisíveis, enquanto que o domínio dos massivos é não-atômico, ou seja, não apresenta uma unidade discreta indivisível como base.

Já Chierchia postula que os dois domínios não são tão diferentes em organização, ambos contendo “átomos”, apenas não sabemos com segurança o que contar como a menor unidade de ‘areia’, por exemplo. Mas em ‘móvia’, um nome massivo, a menor unidade discreta é claramente cada um dos móveis. Rothstein (2010) aprofunda as subdivisões dessas classes semânticas, propondo, para além dos clássicos massivos de substância de Link, como ‘leite’, dos chamados “falsos massivos” de Chierchia, como ‘móvia’, e dos contáveis clássicos do tipo ‘cadeira’, em que temos clareza do que conta como “átomo” (meia cadeira não conta como uma cadeira), também contáveis como ‘cortina’, ‘corda’ e ‘galho’, em que não há um átomo-padrão (se eu serrar um galho de árvore ao meio, acabarei com dois galhos). Ainda hoje é travado um debate na literatura sobre a natureza semântica das classes nominais, nas línguas naturais, mas se algum consenso pode ser tirado é o de que massivos e contáveis não apresentam o mesmo comportamento gramatical: nomes contáveis são aceitáveis após receberem

<sup>5</sup> Remetemos os interessados numa introdução ao assunto à leitura do capítulo “O sintagma nominal”, no livro *Para conhecer semântica* (GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2018).

morfologia plural e serem determinados por cardinais ('três carros'), enquanto os massivos não são (\*'três ares').

Como exemplificado de (1) a (10), os nomes massivos desafiam a regularidade distributiva do morfema de plural do PB. A flexão é tradicionalmente vista como um processo morfológico que apresenta regularidade de distribuição (todos os nomes deveriam ser pluralizáveis) e de significado (o morfema de plural deveria produzir sempre a mesma alteração de interpretação no nome), ao contrário da derivação, um processo morfológico irregular. Quanto à regularidade de significado, Figueiredo Silva e Medeiros (2016) propõem que talvez ela possa ser salva com uma emenda à definição de "plural = 2 ou mais átomos": se assumirmos esse significado como o gerado quando s é licenciado com nomes contáveis, mas que o significado gerado pelo licenciamento de s é licenciado com nomes massivos é sempre outro, a saber: "plural = 2 ou mais tipos", teremos uma nova regularidade de significado. A proposta se assenta no fato de que geralmente interpretamos 'dois meninos' como duas crianças do sexo masculino e 'dois leites' como dois tipos: leite integral e desnatado, por exemplo. Entretanto, embora a leitura de contagem de tipos seja bastante comum para aqueles nomes massivos aceitáveis no plural (que não são todos, como vimos), ela não é distintiva, sendo encontrada também para nomes contáveis, como vemos abaixo:

- (11) a. Eu só gosto de uma sobremesa: aquela que contém açúcar.  
 b. Maria só come três sobremesas: pudim, quindim e sorvete.
- (12) a. Os homens não são loucos por carros. Isso é uma calúnia feminina! Os homens se interessam exclusivamente por dois carros: o nacional e o importado.  
 b. Aquele milionário só compra quatro carros: BMW, Mercedes-Benz, Porsche e Jaguar.
- (13) a. No Brasil, consomem-se quatro bananas: prata, ouro, maçã, nanica e da terra.  
 b. Meu veterinário se especializou em quatro animais de estimação: cachorro, gato, passarinho e peixe.

Como vemos, pluralização de nomes contáveis pode produzir tanto leituras de contagem de cardinalidade de indivíduos (como nas sentenças (a) de 7 a 10) quanto leituras de tipo (exemplificadas de 11 a 13). Assim sendo, a nova formulação para a regularidade de significado não se sustenta (contável no plural não sempre é igual a duas ou mais unidades). Como se isso não bastasse, além de muitas vezes a pluralização de nomes massivos não ser licenciada, nem todas as interpretações de nomes massivos pluralizados são de tipos, como podemos ver a seguir:

- (14) a. Glória Maria explora as areias do deserto do Saara.

b. Por meio do tratado de Tordesilhas, as terras brasileiras foram divididas entre Portugal e Espanha.

c. Na cidade, os ares do campo!

Os exemplos em (14) mostram sintagmas de determinante cujo núcleo é um nome massivo pluralizado que não faz referência a tipos, mas a uma abundância de material constituinte de um único, mas extenso, indivíduo: em (14a), temos a notícia de que alguém visita um único deserto, que, por ser extenso, é formado por uma longa faixa de areia; em (14b), fala-se sobre a divisão do imenso território brasileiro, que inclui muita terra, em duas porções separadas; e (14c) indica que algum bairro, ou um único ponto de atração na cidade grande, por sua atmosfera bucólica, evoca, em todo o vasto ar de seu entorno, o clima do campo.

Aparentemente, os nomes massivos são a pedra no sapato da regularidade de significado. Porém, nomes contáveis, além de leituras de cardinalidade de unidades/ indivíduos/ átomos e de leituras de tipos, também ensejam leituras de contagem de episódios, como vemos nos próximos exemplos:

- (15) a. Pirlo barra as saídas de Cristiano Ronaldo e Dybala da Juventus.<sup>6</sup>  
 b. Ele ganhou dois abraços!  
 c. Águia Branca teve apenas 16 casamentos e 23 mortes durante 2018.<sup>7</sup>  
 d. Fiz muitas viagens em 2019.  
 e. Vale do Paraíba registra três assassinatos em dois dias.<sup>8</sup>  
 f. Maia diz que Bolsonaro não cometeu crimes que justifiquem impeachment.<sup>9</sup>  
 g. Mergulhos no rio Douro geram alerta no Porto.<sup>10</sup>

Os nomes sublinhados nos exemplos em (15) fazem referência a acontecimentos, eventualidades específicas, localizadas num ponto do tempo e do espaço, de certa natureza, que precisam se repetir para que o plural seja adequado. Em (15a), temos duas saídas do time, a de um jogador e a de outro; em (15b), um abraço precisa terminar e outro começar para que dois sejam contados; em (15d), é preciso que eu saia em viagem e volte para casa novamente, e depois torne a sair, para contar muitos episódios de viagem durante certo ano; etc.

<sup>6</sup><https://www.terra.com.br/esportes/lance/pirlo-barra-as-saidas-de-cristiano-ronaldo-e-dybala-da-juventus,abc3cbe921850904dbcced993a5d040elbm2e52b.html>

<sup>7</sup> <https://vozdabarra.com.br/aguia-branca-teve-apenas-16-casamentos-e-23-mortes-durante-2018/>

<sup>8</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/vale/v103089909.htm>

<sup>9</sup><https://oglobo.globo.com/brasil/rodrigo-maia-diz-que-bolsonaro-nao-cometeu-crimes-que-justifiquem-impeachment-24566220>

<sup>10</sup> <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/mergulhos-no-rio-douro-geram-alerta-no-porto>

O que vimos até agora é que, examinando os fatos da língua, fica muito difícil sustentar uma relação biunívoca entre a ausência ou presença do morfema \_s e uma certa interpretação de quantidade; a dificuldade permanece mesmo quando assinalamos uma interpretação para os nomes contáveis e outra para os massivos. Mas a diferença de comportamento gramatical entre nomes massivos e nomes contáveis não é o único desafio empírico para a definição nocional de plural e singular dos nomes, tendo como fonte única apenas a diferença na morfologia de número. Há uma segunda inadequação empírica importante, que é a necessidade de considerar a estrutura do sintagma nominal como um fator determinante da interpretação de quantidade. Uma das peculiaridades da gramática do PB é a riqueza estrutural de seus sintagmas nominais argumentais: aceitamos Sintagmas de Determinante (SDs), no plural e no singular, e nomes nus argumentais, tanto com morfologia de número (os chamados plurais nus), tal como o inglês e o Português Europeu (PE) aceitam, quanto sem morfologia de número (os chamados singulares nus), que não são licenciados em posição argumental em línguas como o inglês e o Português Europeu (PE):

- (16) a. Tem diversos beija-flores nesse jardim. - SD plural  
 b. Tem um beija-flor nesse jardim. - SD singular  
 c. Tem beija-flores nesse jardim. - plural nu  
 d. Tem beija-flor nesse jardim. - singular nu

Interessantemente, ao contrário do que ocorre em línguas como o inglês e o PE, o PB aceita o singular nu em posição argumental (cf. SCHMITT & MUNN, 1999, entre outros). É a estrutura do nominal influencia a interpretação de quantidade. A oposição binária entre singular e plural difundida na explicação escolar simplificada se sustenta com sintagmas de determinante, mas não com nomes nus. Vejamos:

- (17) a. Ela tem um cachorro.  
 b. Ela tem três cachorros.  
 (18) a. O cachorro dela latiu.  
 b. Os cachorros dela latiram.  
 (19) a. Ela tem cachorro.  
 b. Ela tem cachorros.

Nos exemplos de (17) a (19), há um nome contável sublinhado. Os dados em (17), em que o nome é precedido por um determinante cardinal, estão de acordo com a definição mais comum de singular e plural: o nome em que o morfema é zero (17a) faz referência a exatamente um indivíduo, e o nome que tem o morfema \_s (17b) faz referência a dois ou mais indivíduos. Os dados em (18) também atendem à definição clássica de número: o sintagma de determinante

singular ‘o cachorro’ faz referência a exatamente um indivíduo, e o sintagma de determinante plural ‘os cachorros’ faz referência a uma pluralidade com dois ou mais indivíduos. O problema aparece quando contrastamos o singular nu ‘cachorro’ (19a) com o plural nu, ‘cachorros’ (19b). Este último ainda faz referência a uma pluralidade com dois ou mais indivíduos, não podendo ser usado para fazer referência a um único indivíduo. Mas o singular nu ‘cachorro’ (19a) pode fazer referência a qualquer número de indivíduos, não significando “exatamente um cachorro”, como previsto pela definição escolar de singular: (19a) pode descrever situações em que alguém tem apenas um cachorro, mas também situações em que alguém tem vários cães. Na ausência de determinantes, a oposição clássica de número relacionada à alternância entre o morfema zero e o *\_s* vai para o espaço. O singular nu pode fazer referência a pluralidades, tal como o plural nu, além de poder ser usado para falar de indivíduos isolados.

Os fatos podem nos levar a cogitar que a definição clássica de número nominal, questionável quando os sintagmas argumentais são nus e colocada em xeque pelos nomes massivos, seja pelo menos amparada pela empiria quando os argumentos são sintagmas de determinante cujo núcleo é contável. Mas nem isso é verdade. Se a primeira inadequação empírica para a definição tradicional de número nominal é a diferença entre nomes massivos e contáveis, e a segunda, como acabamos de ver, é a estrutura do sintagma nominal, visto que singulares nus podem indicar qualquer quantidade, há ainda uma terceira inadequação empírica para a explicação dada em sala de aula: a natureza da sentença, se episódica ou genérica<sup>11</sup>. As sentenças episódicas descrevem uma eventualidade localizada numa coordenada espaço-temporal (por exemplo, em “Meus pais se casaram em 22 de dezembro de 1981, na igreja Nossa senhora da Achiropita, em São Paulo”, remete a um episódio único, que não se repete: ainda que meus pais se casem de novo, na mesma igreja, em outra data, esse será um outro casamento). As genéricas são descrições de propriedades inerentes, permanentes ou *Individual Level* dos seus sujeitos, e caracteristicamente estão no tempo presente, como em “A água é inodora, incolor e insípida”, que descreve propriedades de qualquer água, a qualquer tempo e em qualquer lugar. Há efeitos do tipo de sentença sobre a leitura de quantidade:

- (20) a. Quando o cachorro entrou, o gato saiu.  
 b. Quando os cachorros entraram, os gatos saíram.
- (21) a. O cachorro late, o gato mia.  
 b. Os cachorros latem, os gatos miam.

<sup>11</sup> Sobre sentenças genéricas em PB, ver MÜLLER 2001.

Comparemos a interpretação do sintagma de determinante singular ‘o cachorro’ em (20a) à do mesmo sintagma em (21a), e, por sua vez, a interpretação do sintagma de determinante plural ‘os cachorros’ em (20b) à do mesmo sintagma em (21b). O núcleo de todos esses SDs é um nome contável. As sentenças em (20) são episódicas, narrando episódios específicos, situados no tempo e no espaço, de entrada e saída. Já as sentenças em (21) são genéricas, estabelecendo que, se o indivíduo for um cachorro, terá a propriedade de latir; e se o indivíduo for um gato, terá a propriedade de miar, não importa quando ou onde. O contraste na interpretação de número entre o SD singular de (20a) e o plural de (20b) não traz problemas à definição padrão: entendemos que exatamente um cachorro saiu em (20a), e que dois ou mais cachorros saíram em (20b). Mas não encontramos o mesmo contraste de número entre (21a) e (21b); o ambiente de sentença genérica abole completamente a oposição entre o morfema zero e o morfema nominal de plural, de modo que tanto (21a) quanto (21b) fazem referência à totalidade dos representantes da espécie *canis lupus familiaris*; portanto, mesmo o SD singular ‘o cachorro’, num ambiente de sentença genérica, como (21), pode fazer referência a uma pluralidade, em vez de a um indivíduo em particular, em vez de a um cachorro específico.

Para fazermos um apanhado do que vimos até agora: mesmo se considerarmos apenas a interpretação de número para os nominais, e mesmo se quisermos nos ater a uma concepção de número tal que o singular signifique exatamente um indivíduo (um ser, uma coisa) e o plural signifique, em oposição, dois ou mais indivíduos, teremos de concluir que não basta verificar se o nome traz ou não a morfologia de plural para que se obtenham tais interpretações. Levando em conta apenas se o morfema de número é o zero ou o pluralizador nominal não conseguiremos gerar sempre as interpretações desejadas.

Para que se estabeleça o contraste de cardinalidade de indivíduos que aparece como interpretação de quantidade nominal nos materiais escolares, precisamos controlar muitos outros fatores, além de qual é o morfema atrelado ao núcleo nominal. A interpretação descrita pelas obras escolares não depende apenas da presença ou ausência de morfologia plural, mas de um conjunto de fatores gramaticais, entre os quais precisamos arrolar, minimamente: (i) a classe semântica do núcleo nominal (se é massivo ou contável); (ii) a estrutura sintática do sintagma nominal (se é de nome nu ou de sintagma de determinante); e (iii) o tipo de sentença (se episódica ou genérica). Pois a oposição entre nome morfologicamente singular (= a exatamente um indivíduo discreto) e nome morfologicamente plural (= a dois ou mais indivíduos discretos) só se realiza se compararmos um sintagma de determinante singular a um sintagma de determinante plural correspondente, tendo por núcleo um nome contável, e desde que os SDs estejam funcionando como argumentos em sentenças episódicas; nos outros casos,

essa oposição de interpretações, singular (= a exatamente um indivíduo discreto) e plural (= a dois ou mais indivíduos discretos), simplesmente não é verificada. Associar tais interpretações somente ao fator presença ou ausência de flexão de plural, como é feito em geral nas escolas, é empiricamente inadequado, gerando um descompasso entre o que qualquer falante sabe sobre a semântica de sua língua materna e as explicações escolares, que se tornam inverídicas quando confrontadas com dados.

Para que os estudos de quantidade nominal na escola não se apresentem aos alunos como uma falácia descolada da realidade, por falta de lastro factual, é preciso que o professor leve em consideração o fato de que a semântica não é um resultado direto da morfologia: é preciso não examinar em aula nomes soltos, em isolamento, passando a interpretar sempre sentenças inteiras, reconhecendo nesse exame que a influência da natureza da sentença, da estrutura interna do sintagma nominal e do contraste massivo-contável na formação das leituras de cardinalidade de indivíduos é tão importante quanto a natureza do morfema de número apresentado pelo nominal.

### 3. A riqueza da semântica da quantidade nominal

Vimos na seção anterior que a leitura de cardinalidade de indivíduos não depende simplesmente de o morfema *\_s* estar ou não realizado no nome. A abordagem tradicional de singular em oposição ao plural que se baseia apenas na morfologia nominal de número não pode explicar como se produzem as leituras de cardinalidade de indivíduos em PB. Não obstante, essa não é a única leitura de quantidade nominal disponível. Ficar restrito a ela é obliterar a riqueza expressiva da nossa língua. Há muito mais possibilidades para a interpretação da quantidade nominal. Veremos como é redutor abordar apenas a cardinalidade de indivíduos nesta seção. Começemos pelos nomes contáveis, que vimos permitirem leitura de cardinalidade de tipos (ver exemplos de (11) a (13)) e de eventos (15). Além de permitir contagem de tipos e contagem de episódios, os nomes contáveis também produzem leituras de volume/extensão tamanho:

- (22) a. Em *home office*, o marido tem mais casa do que a esposa: ele usa a sala, o escritório e o quarto do casal para trabalhar, e ela fica reduzida à cozinha.
- b. O Coisa (personagem da Marvel) é um exemplo de muito braço e pouco cérebro.
- c. A moça perguntou ao rapaz se ele gostava de mulher com muito seio, e ele respondeu que achava dois seios o suficiente.

d. Eu sempre tive muita perna e muito bumbum, no sentido de muita gordura que insiste em ir para essa região mesmo.

e. No ônibus, os homens sempre usam mais banco que as mulheres: sentam-se de pernas abertas e afastadas, deixando pouco espaço para quem está a seu lado.

Apesar de os nomes sublinhados em (22) serem contáveis em seus usos ordinários, nos exemplos dados estamos falando numa divisão proporcional do espaço interno da casa (22a), no volume do braço musculoso e no tamanho do cérebro (22b), no volume do seio ou tamanho do busto (22c), que interessantemente contrasta com a leitura cardinal da resposta do rapaz (dois seios bastam), na grossura da perna e no volume do bumbum (22d), e na extensão do espaço do banco ocupado (22e). Esses contextos são descritos na literatura como coercitivos, ilustrando o fenômeno conhecido na literatura como *universal grinder*<sup>12</sup>: um operador, descrito como um moedor universal (por alusão a um moedor de carne, que transforma um indivíduo como um animal em carne moída, algo sem forma definida, em mero ingrediente culinário), é acionado por contextos onde interessam o espaço interno de um objeto, ou seus componentes, ou sua extensão (quanto espaço ele ocupa, onde ele cabe etc.).

Os nomes contáveis (aqueles que caracteristicamente aceitam o morfema de plural e podem ser precedidos por cardinais) permitem contagem de indivíduos (ex. (16a)), contagem de tipos (ex. (13)) e contagem de episódios (ex. (15)); além disso, podem ter leitura de volume/ extensão/tamanho (22). Como se não bastasse, nomes contáveis produzem leitura de espécie (21) e também produzem leituras de grau ou intensidade:

- (23) a. Fim de semana de muito sol<sup>13</sup>.  
 b. Corte do Carnaval 2020 é eleita em noite de muito samba<sup>14</sup>.  
 c. Algumas pessoas têm mais medo de falar em público do que de morrer.  
 d. Onix é mais carro e pronto<sup>15</sup>.

Os nomes sublinhados em (23) não apresentam leitura de quantidade, seja de cardinalidade ou não, mas de intensidade: ‘sol’ (23a) indica grau de calor elevado, ‘samba’ (23b) uma atmosfera altamente carnavalesca, ‘medo’ (23c) está numa comparação sobre a intensidade do sentimento e ‘carro’ (23d) marca a qualidade do modelo Onix, vantajosa em comparação com o Ford Ka. É interessante notar que tanto as leituras de extensão

<sup>12</sup> Para saber mais, consultar CHENG; DOETJES; SYBESMA, 2008.

<sup>13</sup> <https://www.diariodigital.com.br/geral/fim-de-semana-de-muito-sol/>

<sup>14</sup> <https://www.acidadeon.com/araraquara/onclick/GFOT,0,3,41344,corte+do+carnaval+2020+e+eleita+em+noite+de+muito+samba.aspx>

<sup>15</sup> <https://www.car.blog.br/2014/09/ford-ka-x-chevrolet-onix-comparativo-de.html>

exemplificadas em (22) quanto as de qualidade/grau, exemplificadas em (23,) são disparadas apenas por singulares nus, desaparecendo quando o morfema de plural está realizado. Observe-se que os exemplos em (24), com os mesmos nomes presentes em (23), só admitem leitura cardinal:

- (24) a. NASA encontra o maior planeta a orbitar dois sóis<sup>16</sup>.  
 b. Vinte sambas que não podem faltar na roda<sup>17</sup>.  
 c. Os 10 medos mais comuns da humanidade<sup>18</sup>.  
 d. Caixa d'água desaba, rola morro abaixo e amassa carros em Diadema (SP)<sup>19</sup>.

O contraste entre (22) e (23) aponta que, embora a tradição gramatical não discuta isso, existe uma contribuição importante do morfema de plural para a interpretação de quantidade dos nomes, que interessa muito levar para a sala de aula: a erradicação de interpretações alternativas à de cardinalidade, que são relativamente fáceis de obter com o nu singular, como as que temos nos exemplos (21) e (22), respectivamente de espécie e de extensão/volume.

Em consonância com os exemplos contrastados aqui, teóricos como De Oliveira e Rothstein (2011a, b) e Pires de Oliveira (2017) defendem que a única interpretação de quantidade disponível para o plural nu do PB é a de cardinalidade. Apoiados nos estudos de Barner e Snedeker (2005) e Bale e Barner (2009), muitos estudos semânticos experimentais realizados em PB, tais como os de Gomes e Lima (2015), Beviláqua, Lima, Oliveira (2016), Beviláqua, Oliveira (2019) e Oliveira, Beviláqua (2020), entre outros, apontam que singulares nos permitem a interpretação de volume/extensão/tamanho, quer sejam do tipo semântico ‘carro’, quer sejam do tipo ‘leite’. Não obstante o fato de que o morfema plural *\_s* não seja passível de licenciamento com diversos nomes rotulados considerados “massivos”, segundo o critério da distinção de licenciamento de morfologia plural e a combinação com determinantes cardinais, como discutido anteriormente neste artigo (\*‘gentes’, \*‘pressas’), mas *\_s*, por outro lado, seja licenciado com todos os nomes classificados como contáveis, segundo aquele critério da distinção de licenciamento de morfologia plural e combinação com determinantes cardinais, uma vez pluralizado, o nome contável “perde” outras interpretações de quantidade (e a de qualidade). O plural nu (‘sóis’, ‘carros’) fica reduzido a uma única interpretação de quantidade, a cardinal. Se é a presença do morfema plural que produz a leitura de cardinalidade, em sua

<sup>16</sup> <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/nasa-encontra-o-maior-planeta-orbitar-dois-sois.html>

<sup>17</sup> <https://www.guiadasemana.com.br/shows/noticia/20-sambas-que-nao-podem-faltar-na-roda>

<sup>18</sup> <https://www.youper.ai/0s-10-medos-mais-comuns-da-humanidade>

<sup>19</sup> <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/23/caixa-dagua-desaba-rola-morro-abaixo-e-amassa-carros-em-diadema-sp.htm>

ausência há uma multiplicidade de interpretações possíveis, o que leva autores como Rothstein, Pires de Oliveira e Beviláqua ao defenderem que os singulares nus do PB são todos massivos, considerando como critério para ser massivo que o nome permita leituras de quantidade outras, que não a de cardinalidade, como a de volume/ extensão/ tamanho.

Esse papel do morfema pluralizador, de “erradicar” em nomes como ‘sóis’, as múltiplas leituras de quantidade existentes para o singular nu, é digno de atenção no ensino, e poderia ficar autoevidente para o aluno, se ele fosse exposto aos dados certos; porém, tratar disso requer que o professor distinga entre sintagmas nus e sintagmas de determinantes, em vez de examinar os nomes soltos, em isolamento, fora de sintagmas e de sentenças. Esse não é, entretanto, o único fato interessante sobre a quantidade nominal que fica perdido no ensino. Vimos anteriormente que os nomes contáveis produzem leituras de cardinalidade de indivíduos/unidades, de cardinalidade de tipos/ variedades, de cardinalidade de episódios e leituras de tamanho/volume/extensão, bem como leituras de intensidade (com na estrutura de singular nu); já vimos também que os nomes massivos (aqueles que resistem à pluralização e que não permitem leitura de cardinalidade de unidades/ indivíduos), quando admitem forma plural, geram leituras de volume/extensão/tamanho para um único indivíduo (ex.: ‘Turistas lotam as areias de Copacabana’<sup>20</sup>) e também leitura de pluralidade de tipos ou marcas (Ex.: ‘Veja os vinhos escolhidos pelos nossos Sommeliers especialmente para você.’). Tal como fazem os nomes contáveis, os massivos também geram leitura de espécie:

- (25) a. O sal de cozinha ou sal comum é um mineral formado basicamente por cloreto de sódio.
- b. O oxigênio é fundamental para o ser humano.
- c. Areia é partícula de rocha.
- d. Na física, a velocidade representa a duração do movimento de determinado objeto pelo espaço em certo tempo.
- e. “O tempo não para”. (Cazuza)

E tal como vimos para os nomes contáveis, os massivos também geram leitura de intensidade/grau:

<sup>20</sup> <https://oglobo.globo.com/rio/reveillon-2020-cariocas-turistas-lotam-as-areias-de-copacabana-com-pedidos-de-uniao-paz-1-24166889>

- (26) a. Estou com uma fome...
- b. Nada era capaz de diminuir a sede de vingança do rapaz.
- c. Philippe Coutinho encerrou sua passagem pelo Bayern de Munique em grande estilo<sup>21</sup>.
- d. É preciso muita inteligência e força para derrotar o inimigo<sup>22</sup>.
- e. [Doentes reclamam da longa espera para transplantes<sup>23</sup>.

Vimos que podemos ter sintagmas de determinantes nucleados por nomes contáveis no singular (ex. (21a) e no plural (ex. (21b)) fazendo referência a espécies; entretanto, os sintagmas de determinantes nucleados por nomes massivos que fazem referência a espécie não aceitam plural (não é gramatical uma versão de (25b) com o sujeito no plural, como \*‘‘Os oxigênios são fundamentais para os seres humanos’’). Os nomes massivos sem determinante que fazem referência a espécie também não podem ser plurais nus, mas precisam vir na forma de singular nu (numa versão plural de (25c), #‘Areias são partícula de rocha’, o plural nu ‘areias’ vai fazer referência a tipos ou subespécies, não mais a uma espécie inteira). A pluralização de nomes massivos com interpretação de graus/ intensidade também resulta em sentenças estranhas (por exemplo, passar os nomes de (26d) para o plural resultaria em \*‘É preciso muitas inteligências e forças para derrotar o inimigo’, uma sentença pouco natural.)

Há ainda nomes que admitem tanto a forma morfológicamente singular quanto a forma morfológicamente plural, mas em que a presença do morfema plural (às vezes, juntamente com uma mudança de estrutura de singular nu para sintagma de determinante) altera completamente a interpretação do nome, mas ainda assim de uma forma que não cabe na descrição clássica ‘singular = exatamente um ser’ e ‘plural = dois ou mais seres’. Vejamos:

- (27) a. Nunca faz frio em Cuiabá. (sensação térmica)
- b. Ela comprou frios para o lanche da tarde. (embutidos de origem animal refrigerados)
- (28) a. Como seria uma viagem espacial à velocidade da luz? (emissão de claridade)
- b. Os cabelos com luzes nunca saem de moda. (reflexos de pintura)
- c. Ano passado fui ver as luzes de Natal no Campo de São Bento. (lâmpadas)

<sup>21</sup> <https://bandsports.band.uol.com.br/noticias/100000997694/apos-titulo-coutinho-destaca-vontade-de-brilhar-em-retorno-ao-barca>

<sup>22</sup> <https://portogente.com.br/noticias/dia-a-dia/111779-inteligencia-artificial-contr-o-coronavirus>

<sup>23</sup> <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-longa-espera-para-transplantes/445035>

- (29) a. Meu filho e minha filha são meus dois amores. (objetos de amor)  
b. Mais amor, por favor. (atitude amorosa, empatia)  
c. Não há pílulas para esquecer amores passados. (relacionamentos/amantes/amados)  
d. O amor, quando acontece, não espera que você esteja curado do seu passado, das suas dores de outros amores. (respectivamente, sentimento e relacionamentos)  
e. Eu queria que meu ex-amor soubesse o quanto que eu sofri ao ter que me afastar dele. (adaptação de letra de Martinho da Vila) (parceiro de relação terminada)

Muitos educadores atualmente preconizam que a gramática seja apresentada somente através de textos, dentro de gêneros variados. Alguns educadores, equivocadamente, até defendem a abolição das aulas de gramática. O contexto discursivo contribui para situar um significado entre os passíveis de serem gerados por certa estrutura linguística. Mas o contexto discursivo faz isso manipulando elementos linguísticos. Como já dissemos, vários fatores influenciam a interpretação de sintagmas nominais. Além da presença ou ausência de morfema plural, há outros fatores a serem computados, entre eles: a estrutura do sintagma (nome nu ou sintagma de determinante), a natureza do nome (se massivo ou contável) e o tipo de sentença (se genérica ou episódica). Todos esses fatores precisam ser controlados para gerar o efeito discursivo desejado.

Por exemplo, recordemos a anedota de Maria Antonieta, que é apresentada como um exemplo da insensibilidade da rainha francesa ao bem-estar da população no período anterior à Revolução Francesa, em que diversos membros da monarquia foram guilhotinados. Segundo a anedota, à época da coroação da rainha, por volta de 1774, um de seus conselheiros a teria abordado com a intenção de preveni-la sobre o perigo de uma revolta do povo diante da escassez de comida, usando a sentença (30a), ao que ela respondeu com (30b). A anedota é sobre a falta de empatia da monarca, que, vivendo com luxos, não compreendeu a mensagem de que a fome grassava entre o povo, evidenciando na sua resposta que interpretou (30a) como indicando a escassez de um tipo desejado de alimento, pão, o que não significa a falta de outros tipos, como brioques, bolos, empadas... Sim, 'pão' é ambíguo entre sinônimo (metaforicamente) de alimento, comida, por um lado, e os produtos de uma receita culinária específica de massa que se assa antes de comer. Mas o que aconteceria se o conselheiro tivesse dito à Maria Antonieta (30c), em vez de (30a)?

- (30) a. O povo não tem pão para comer!  
 b. Ora, se o povo não tem pão, que coma brioques!  
 c. O povo não tem mais pães para comer!

Vemos que a ambiguidade de (30a) não existe em (30c): esta última sentença não pode ser usada para informar que o povo passa fome, porque a forma plural do nome não se presta a ser sinônimo de alimento diário, de comida na mesa. A interpretação mais adequada para (30c) é justamente a que Maria Antonieta deu: um tipo de comida. O ponto que queremos marcar bem é que o discurso não é independente da gramática.

Defendemos que se ensine gramática, mas não de qualquer modo, e não do modo como é costume acontecer no ensino de plural nominal, com a apresentação de palavras isoladas. Defendemos que sempre sejam apresentadas sentenças completas. O que precisa ser abolido não é o ensino de gramática, é o ensino mecânico de regras, com decorebas e listas de exceção. Apresentar dados para que os alunos reflitam é muito estimulante, e, expostos aos dados certos, eles podem, via reflexão, chegar às próprias conclusões sobre a gramática de sua língua, percebendo sua riqueza expressiva. Por que reduzir a quantidade nominal ao estudo do número de “seres”? Nossa língua vai muito além: só quanto a número, temos, além da cardinalidade de unidades/átomos/indivíduos, cardinalidade de tipos/variedades e cardinalidade de episódios. Além disso, temos leituras de extensão/volume/tamanho, leituras de intensidade e leituras de espécie. Tal como visto na anedota de Maria Antonieta, leituras metafóricas como o uso de ‘pão’ por ‘comida’ (30a) se perdem quando o nome é passado para o plural (30c). Do mesmo modo, a leitura de intensidade (‘muito sol’ = ‘muito calor’, como em (23a)) se perde na forma plural (‘sóis’, em (24a)), e nomes massivos, como ‘amor’, que na forma singular representam um sentimento (ver ex. (29b)), na forma plural se tornam contáveis, passando a fazer referência ou a uma pluralidade de indivíduos que são alvo do amor (ver ex.(29a)), ou a episódios de relacionamento amoroso (ver ex. (29c)). Não há significado discursivo que não seja construído sem ingredientes gramaticais. A semântica da sentença é o constituinte básico da semântica do texto.

#### 4. Singular em PB, teorias concorrentes de plural e outros embates teóricos

Bem, nas seções anteriores, examinamos uma diversidade de interpretações para sintagmas nominais morfologicamente singulares e morfologicamente plurais, para que ficasse claro como é redutora a explicação “singular = um único ser” e “plural = dois ou mais seres”. O que talvez não tenha ficado bastante evidente é como se produz a leitura de “singular = um

único ser” em PB. Não basta “eliminar”, ou deixar de acrescentar, o morfema *\_s* ao nome para se obter a interpretação de cardinalidade igual a um, como visto nos exemplos (21a), (22d), (23a), (26a) etc. Já sabemos que a semântica de quantidade de singulares nus não é de cardinalidade igual a um (ver ex. (19a)). Então, podemos dizer com segurança que somente sintagmas de determinantes singulares com núcleo contável podem gerar essa leitura, desde que a sentença seja episódica, pois nas sentenças genéricas há referência a espécie, o que leva à perda da leitura de um indivíduo específico (ver ex.(21a), em que ‘o cachorro’ faz referência à espécie *canis lupus familiaris*, não ao Totó). Porém, se é verdade que essa ideia de quantidade só pode ser expressa por sintagmas de determinante singulares, cujo núcleo seja um nome contável, e estejam dentro de uma sentença episódica, ainda assim não serão todos os sintagmas de determinante singulares capazes de expressar a ideia de “exatamente um indivíduo específico”. Comparemos:

- (31) a. João gosta de qualquer mulher.  
 b. João gosta de todas as mulheres.

Em certo sentido, as duas sentenças em (31) são sinônimas, afirmando que João não escolhe mulher, mas aprecia todas elas. O sintagma de determinante sublinhado em (31a) é morfologicamente singular, enquanto o sublinhado em (31b) é morfologicamente plural, mas ambos podem expressar uma pluralidade semântica. Entretanto, o mesmo sintagma de determinante que aparece em (31a) com interpretação de pluralidade aparece em (32a) como sinônimo de (32b), indicando um único indivíduo:

- (32) a. Maria se tratou com qualquer médico.  
 b. Tem algum médico no recinto?

Em termos de quantidade, os sintagmas sublinhados em (32) são sinônimos, ambos indicando um só praticante de medicina.

O que podemos depreender de dados como (31) e (32)? Primeiramente, que morfologia singular não é garantia de a interpretação ser de exatamente um indivíduo; em segundo lugar, que um mesmo sintagma de determinante (‘qualquer’ + nome) pode ser interpretado ora como cardinalidade plural, ora como cardinalidade singular. Esse não é um caso isolado:

- (33) a. Cada xícara tem um pires.  
 b. Cada xícara tem um pires.  
 c. Uma xícara está suja.  
 d. Quebrei um pires.

Embora ‘cada’ fique agramatical se pluralizado (\*‘cadas xícaras’), a quantidade semântica denotada por esse sintagma de determinante é sempre plural, nunca exatamente um;

o sintagma sublinhado em (33a) não pode ser interpretado como exatamente uma xícara. Já o sintagma de determinante singular ‘um pires’ pode ter interpretação singular, como ilustra (33d), mas esse mesmo sintagma, em (33b), estando sob o escopo de ‘cada’, entra numa relação distributiva entre xícaras e respectivos pires; não vamos entender que exista um pires apenas em (33b). O sintagma de determinante sublinhado em (33c), que pode sim ter forma plural (‘umas xícaras’), embora morfologicamente no singular, assim como o de (33a), esse, ‘uma xícara’, tem sim leitura de exatamente um indivíduo.

Os fatos examinados mostram o quanto se faz necessário distinguir singular na morfologia de singular na semântica. Aquela definição clássica de número nominal tão reproduzida no ensino confunde as duas coisas. O exemplo abaixo pode ter leitura específica (um professor, o Gilson, está de férias e de boa) ou genérica; nesse caso, a leitura é que, se for professor em férias, estará em paz:

(34) Um professor de férias não quer guerra com ninguém!

Ou seja, (34) mostra que um mesmo sintagma de determinante singular, na mesmíssima sentença, pode significar exatamente um ou não. E tem mais: mesmo quando o número é mesmo exatamente um, há instabilidade na definição da unidade. O que conta como ‘exatamente um’ em (35)?

- (35) a. Eu conheço um lugarzinho...  
 b. Luíza quer um aumento de salário.  
 c. Ele me deu um golpe.  
 d. Ele comprou uma dúzia de bananas.  
 e. Ela tem uma penca de admiradores.  
 f. Pedro pediu um momento de silêncio.

O SD sublinhado em (35a) pode fazer referência a lugares físicos frequentáveis de dimensões variáveis: a um restaurante, a uma praia, a um bairro, a uma cidade, a um país... Já o de (35b) indica uma diferença abstrata para cima entre um valor monetário e outro, que tanto pode ser pequena (de R\$50,00) quanto grande (de R\$5 mil). O SD de (35c) é ambíguo entre um golpe físico (um soco), ou um golpe financeiro (um esquema enganoso para tirar dinheiro), mas nos dois casos o referente da primeira pessoa é o afetado pelo golpe por um episódio e o referente da terceira é o seu agente. Em (35d) e em (35e), a unidade é a de uma medida plural (como em ‘uma centena’), que é de cardinalidade plural exata em (35d) e, em (35e) traz uma quantia aproximada, apenas estabelecendo que ela tem muitos admiradores. A unidade a que o SD sublinhado em (35f) se refere é abstrata, é uma medida convencional de tempo – quanto dura um momento? O que (35) mostra é que não basta dizer ‘um’, sem estabelecer com clareza

o que conta como uma unidade, para se ter uma ideia da dimensão de quantidade. O diálogo reproduzido em (36) reforça esse mesmo ponto:

(36) Diálogo entre irmãos pré-adolescentes:

(irmão) \_ Posso comer um pedaço do bolo que está no seu prato?

(irmã) \_ Pode, vai... mas só um pedaço, heim!?

(irmão come tudo o que havia no prato)

(irmã) \_ Tratante! Você prometeu!!

(irmão) \_ Eu prometi comer só um pedaço, e foi o que eu fiz... só não falei de que tamanho ia ser!

Vemos que ‘um pedaço’, mesmo equivalendo a exatamente uma unidade, pode fazer referência tanto a uma mínima fração de bolo quanto à sua quase totalidade. Afinal, um bolo inteiro é um pedaço (grande), ou não? É muito vantajoso, em sala de aula, trabalhar não apenas com a quantidade cardinal singular (não apenas dizer que “singular = exatamente um”), mas explorar as diversas dimensões de volume/tamanho/ extensão da unidade contada.

Deixando de lado a dimensão da unidade que conta como “exatamente um”, mesmo quando nos concentramos em unidades mais estáveis, tais como ‘um carro’ ou ‘uma pessoa’, os dados examinados nesta seção ilustram como é difícil encontrar um nominal que signifique “exatamente uma unidade”. Para isso, o nominal tem de ser um SD (em vez de nome nu); tem de ser morfológicamente singular (em vez de plural); tem de ter como núcleo um nome contável (em vez de um massivo); e tem de estar numa sentença episódica. Ainda que todas essas condições sejam atendidas, assim mesmo pode acontecer de o nominal não expressar a ideia de “exatamente um”, como ilustram os dados apresentados nesta seção. Fica evidente que é muito mais difícil encontrar uma expressão nominal semanticamente singular nas línguas naturais do que encontrar uma expressão nominal semanticamente plural.

Na morfologia, o plural é o mais marcado; na semântica, o singular é o mais marcado. Isso quer dizer que morfológicamente há muito mais nomes que apresentam o morfema zero do que nomes apresentando o morfema nominal de plural. Mas, semanticamente, é o inverso: construir a ideia de uma singularidade para o referente de um nome é muito mais trabalhoso do que expressar pluralidades. A expressão de uma singularidade é também mais raramente encontrada em dados de produção espontânea que a expressão de pluralidades. Mais um motivo para não insistir numa falsa equivalência entre plural morfológico e plural semântico.

Para a semântica do plural nominal, há duas teorias concorrentes em destaque na literatura (ver DE SWARTS; FARKAS, 2010), a de que o plural é inclusivo (expressa qualquer quantidade, inclusive a correspondente a um único indivíduo) (ver MARTI, 2018) e a de que o

plural é exclusivo (expressa apenas somas, deixando de fora as singularidades). A definição corrente nos materiais de ensino segue a teoria exclusiva, dividindo o campo da referência em dois: o nome no plural só poderia fazer referência a quantidades iguais a dois indivíduos ou acima disso, não compreendendo, portanto, quantidades menores que dois. Essa teoria se apoia em dados cuja ocorrência não é frequente, como vimos, do tipo do exemplo abaixo:

- (37) a. Pedro tem um irmão.  
b. Pedro tem dois irmãos.

Apesar de ser bem claro o contraste de número entre (37a) e (37b), recordamos que os dados examinados neste artigo mostram que raramente encontramos um contraste tão claro na produção espontânea. Na maioria das vezes, a coisa não é tão simples. Como tratar os dados em que a quantidade nominal não é tão definida, numa teoria em que o *\_s* não inclui singularidades? A teoria deveria dar conta da totalidade dos dados. Qual é a alternativa? Por que assumir que o plural inclui toda e qualquer quantidade, e o singular está restrito a exclusivamente um? Os defensores dessa corrente se apoiam em dados como os seguintes:

- (38) Pergunta: Você tem filhos? (indagação feita a uma mãe de filho único)  
Resposta: a. Sim, tenho um filho. (resposta normal)  
b. # Não, tenho um filho. (resposta estranha)
- (39) X diz: Esta sala não tem cadeiras. (em uma sala vazia, sem cadeira alguma)  
Y comenta: Sim, esta sala não tem cadeiras. (normal)
- (40) Garotinho (preso 5 vezes): Witzel tem problemas de corrupção<sup>24</sup>.  
Resposta: a. Sim, tem aquela compra dos respiradores para pacientes com coronavírus. (normal)  
b. # Não, tem um só: o superfaturamento dos respiradores. (resposta estranha)

O argumento dos defensores do plural inclusivo é que, na pergunta em (38), ‘filhos’ está no plural; se o significador de um nome no plural fosse “dois ou mais indivíduos”, esperaríamos que a resposta mais aceitável fosse a (38b), nunca a (38a), que fala de um filho único. Em (39), o nome plural ‘cadeiras’ é aceito para descrever zero cadeiras na sala, e não requer uma quantidade acima de duas unidades; se houvesse uma única cadeira na sala, a sentença dita por X seria julgada falsa, apesar de o nome estar morfologicamente no plural. Em (40), a acusação de um político a outro usa ‘problemas’, no plural, e não dá pra discordar alegando que o número

<sup>24</sup> <https://veja.abril.com.br/brasil/preso-cinco-vezes-garotinho-diz-que-witzel-tem-problemas-de-corrupcao/>

de problemas é menor que dois. Se a semântica do morfema de plural fosse exclusiva, os resultados seriam outros, diz a teoria do plural inclusivo.

Como tratar os dados em (37) pela teoria do plural inclusivo? Temos uma sensação forte de que ‘irmãos’ exclui a ideia de Pedro tenha um irmão só em (37b). A proposta envolve a pragmática. Do ponto de vista lógico, quem tem dois irmãos tem um, assim como quem tem 50 reais tem 20, pois a existência do todo inclui a existência de suas partes. Então seria lógico admitir que a existência de dois irmãos inclui a afirmação da existência de cada um deles. No entanto, estranharíamos muito que alguém dissesse (37) se Pedro tivesse dois irmãos. Uma explicação possível para essa estranheza evoca o Princípio da Cooperação, de Grice: se o falante pode ser maximamente informativo, e dá menos informações do que o requerido, então ele não está sendo cooperativo. Pela máxima da quantidade, sabendo que Pedro tem dois irmãos, embora nesse cenário tanto (37a) quanto (37b) sejam sentenças verdadeiras, para ser cooperativo o falante deve escolher a forma de expressão mais informativa à sua disposição; entre (37a) e (37b), (37b) traz a informação mais completa, e deveria ser a escolhida. O ouvinte vai deduzir que, tendo à mão (37b), se o falante é cooperativo, ele só vai usar (37a) quando o uso de (37b) ferir outra máxima conversacional, a da qualidade<sup>25</sup>, ou seja: no caso de Pedro ter apenas um irmão. Vem daí a inferência de que (37a) significa algo como “Pedro tem um irmão, não dois”.

Uma linha de raciocínio semelhante explica a inferência de que “eu comprei livros” signifique “eu comprei dois ou mais livros”. Se o significado do plural é qualquer quantidade, deveria ser possível entender “eu comprei livros” como significando “eu comprei um único livro”, mas rejeitamos essa interpretação. No entanto, se o significado do singular for “exatamente um” e o significado do plural for “qualquer quantidade”, tanto “livro” quanto “livros” poderiam ser empregados para transmitir a ideia de exatamente um livro. Nessa teoria, o significado do singular é uma parte restrita do significado do plural. Pragmaticamente, usar a expressão de significado mais restrito é mais informativo, mais preciso. Então, se o falante escolheu usar “livros”, e é cooperativo, o ouvinte vai deduzir que usar “livro” feriria a máxima da qualidade, ou seja, que a referência não é a um único livro, mas a dois ou mais.

Vemos que os mesmos fatos podem ser explicados de formas diferentes, conforme a teoria de adoção; não é necessário nem indisputável que o plural seja exclusivo, ou seja, “plural = dois ou mais” não é nem uma obviedade nem um consenso entre os linguistas.

---

<sup>25</sup> A máxima da qualidade diz: não faça contribuições para as quais não tenha evidências e não diga nada que saiba ser falso.

## 5. Considerações Finais: fazendo a ponte entre ensino e pesquisa linguística

A tradição gramatical (obras de referência e didáticas) e, por consequência, o ensino tradicional assumem a oposição binária singular/plural para os nominais, examinando o número nominal na palavra em isolamento, quanto à morfologia. Isso é fruto da transposição direta de uma análise no nível morfológico, de orientação estruturalista, para o campo da semântica. Isso não deixa de ser um reflexo da história da linguística no Brasil: as pesquisas dos níveis fonológico, morfológico e sintático já adquiriram respeitabilidade suficiente para inspirarem materiais pedagógicos, mas a semântica ainda não atingiu a mesma importância na análise tradicional da gramática. Mattoso Câmara obteve merecida projeção, a ponto de influenciar, com sua análise estruturalista, o ensino da semântica da quantidade nominal. Mas morfologia e semântica são níveis de análise distintos e lidam com ferramentas diferentes. Mesmo se ficarmos só no número, deixando de lado outras leituras de quantidade, como a de volume, precisaremos considerar, para estudarmos a cardinalidade, entre os fatores determinantes da quantidade nominal, além da presença ou ausência de morfema pluralizador, se o nome é massivo ou contável, se a sentença é episódica ou genérica e qual é a estrutura sintática do sintagma nominal (se estamos diante de um nome nu ou de um sintagma de determinante).

Já é mais que hora de expandirmos nossos horizontes para além da cardinalidade, de abrirmos os olhos de nossos alunos para a riqueza da quantidade nominal. É preciso apresentar materiais que desafiem a mesmice, conversado com a intuição de falantes dos alunos e estimulando-os a perceberem a consistência dos fatos e tirem deles suas próprias conclusões. É primordial apresentar sempre sentenças completas (nunca palavras isoladas), variando bastante os contextos discursivos. Não é preciso usar terminologia científica nem jargão técnico para montar uma aula estimulante, que apresente aos alunos ferramentas para analisarem a gramática de sua língua materna e usarem mais sua expressividade ao se comunicarem. É o professor quem tem de tomar contato com o conhecimento de gramática disponível na literatura linguística, para empregá-lo no planejamento das suas aulas; o aluno não precisa ter nenhum contato direto com artigos de linguística.

A semântica formal pode contribuir para o ensino de língua portuguesa. Já há bastante conhecimento acumulado sobre a semântica do PB. A semântica da sentença se articula com a gramática, entendida como as ricas e expressivas possibilidades combinatórias oferecidas pelas línguas naturais, produtoras de significado. O estudo dessa semântica mais básica, sentencial, mais próxima da sintaxe, tem o potencial de fornecer a passagem necessária entre a gramática do vernáculo e a do letrado, ao permitir uma reflexão sobre a geração de significados a partir

da criatividade linguística, com suas infinitas possibilidades para a geração do discurso. Afinal, não é possível interpretar um texto sem entender as sentenças contidas nesse texto, assim como não é possível gerar competentemente um discurso adequado a certo gênero sem saber a língua na qual ele será construído.

## REFERÊNCIAS

- AÇÃO EDUCATIVA – ASSESSORIA, PESQUISA E INFORMAÇÃO. Por uma vida melhor: intelectuais, pesquisadores e educadores falam sobre o livro. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/1631/139.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 03 ago. 2020.
- BALE, A.; BARNER, D. . The interpretation of functional heads: Using comparatives to explore the mass/count distinction. *Journal of Semantics*, 26, p. 217–252, 2009.
- BARNER, David; SNEDEKER, Jesse. Quantity judgments and individuation: Evidence that mass nouns count. *Cognition*, v. 97, n. 1, p. 41-66, 2005.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Em busca de uma história a ser contada: a recepção brasileira à gramática gerativa. *Revista da Anpoll*, n. 29, p. 259-291, 2010.
- BEVILÁQUA, Kayron; DE OLIVEIRA, Roberta Pires. O Singular Nu no Inglês e no Português Brasileiro: Abordagens Experimentais sobre Atomicidade. *Diacrítica*, v. 33, n. 2, p. 156-177, 2019.
- BEVILÁQUA, Kayron; DE OLIVEIRA, Roberta Pires. O Singular Nu no Inglês e no Português Brasileiro: Abordagens Experimentais sobre Atomicidade. *Diacrítica*, v. 33, n. 2, p. 156-177, 2019.
- BEVILÁQUA, Kayron; LIMA, Suzi; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Bare nouns in Brazilian Portuguese: An experimental study on grinding. *Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*, v. 11, n. 1, p. 2, 2016.
- BRASIL ESCOLA. Singular e Plural. Portal Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/singular-plural.htm>. Acesso em 04 ago. 2020.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Editora Vozes, 1970.
- CHENG, Lisa LS; DOETJES, Jenny; SYBESMA, Rint. How universal is the Universal Grinder?. *Linguistics in the Netherlands*, v. 25, n. 1, p. 50-62, 2008.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, v. 6, p. 339-405, 1998.
- DE OLIVEIRA BATISTA, Ronaldo. Em busca de uma história a ser contada: a recepção brasileira à Gramática Gerativa. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 29, 2010.
- DE OLIVEIRA, Roberta Pires; BEVILÁQUA, Kayron. Brazilian bare nouns in quantity judgments. *Brazilian Portuguese, Syntax and Semantics: 20 years of Núcleo de Estudos Gramaticais*, v. 260, p. 191, 2020.

- DE OLIVEIRA, Roberta Pires; ROTHSTEIN, Susan. Bare singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, n. 15, p. 2153-2175, 2011a.
- DE OLIVEIRA, Roberta Pires; ROTHSTEIN, Susan. Two Sorts of Bare Nouns in Brazilian Portuguese. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, 2011b.
- DE SWART, Henriëtte; FARKAS, Donka. The semantics and pragmatics of plurals. *Semantics and pragmatics*, v. 3, p. 6-1-54, 2010.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MEDEIROS, Alessandro Boechat. Para conhecer morfologia. São Paulo: Contexto, 2016.
- GOMES, Ana Paula Quadros; LIMA, Suzi. Bare singular mass nouns can be interpreted as count nouns. In: ANPOLL: International Psycholinguistics Congress: Domain specificity in language acquisition and processing, 3rd. 2015. p. 27-28.
- GOMES, Ana Quadros; SANCHEZ-MENDES, Luciana. Para conhecer semântica. São Paulo: Contexto, 2018.
- LEMLE, Miriam. Entrevista concedida a Isabella Lopes Pederneira. Rio de Janeiro. 3 de jan. de 2015. Canal Ling Tube. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8KuxazDifY8>. Acesso em 04 ago 2020.
- LEMLE, Miriam. Análise sintática: teoria geral e descrição do português. São Paulo: Ática, 1984.
- LEMLE, Miriam. O novo estruturalismo em lingüística: Chomsky. *Tempo Brasileiro* 15-16: 51-64, 1967.
- LINK, G.. The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice theoretical approach. In: BÄUERLE, R.; SCHWARZE, C.; STECHOW, von A. (Eds.). *Meaning, Use and Interpretation of Language*. Berlin: de Gruyter, 1983. p. 303-323.
- LINK, Godehard. The logical analysis of plurals and mass terms: A lattice-theoretical approach. *Formal semantics: The essential readings*, p. 127-146, 1983.
- MARTÍ, Luisa. Inclusive plurals and the theory of number. *Linguistic Inquiry*, p. 1-76, 2018.
- MÜLLER, Ana. A expressão da genericidade no Português do Brasil. *Revista Letras*, v. 55, 2001.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. Dobras e Redobras: Do Singular Nu No Português Brasileiro: Costurando a Semântica entre as Línguas. EDIPUCRS, 2017.
- RAMOS, Heloísa et al. Por uma vida melhor: Coleção Viver e Aprender. Rio de Janeiro. Editora Global, 2011.
- ROTHSTEIN, Susan. Counting and the mass/count distinction. *Journal of semantics*, v. 27, n. 3, p. 343-397, 2010.
- SCHMITT, Cristina; MUNN, Alan. Against the nominal mapping parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. In: PROCEEDINGS-NELS. 1999. p. 339-354.